

ASPECTOS GEOLÓGICOS DOS GARIMPOS DE OURO DA REGIÃO DE MARACAJÁ – NOVO REPARTIMENTO – PARÁ

Edesio Maria Buenano Macambira – CPRM/SGB – Serviço Geológico do Brasil,
Superintendência de Belém

Paulo dos Santos Freire Ricci – CPRM/SGB – Serviço Geológico do Brasil,
Superintendência de Belém

Durante os trabalhos de mapeamento geológico (1:250.000) da Folha Repartimento (SB.22-X-A), em execução pelo CPRM/SBG - Superintendência de Belém, varias escavações, ocorrências e garimpos de ouro foram cadastrados. Nesse contexto destacam-se o Garimpo do Tião (04°13'39" S/50°30'15" WGr.) e o Garimpinho de Maracajá (04°08'21" S/50°11'03" WGr.), situados no município de Novo Repartimento – Estado do Pará. Sob o ponto de vista geotectônico localizam-se na porção sudeste do Cráton Amazônico ou Escudo do Guaporé e, mais particularmente, na borda oriental do Domínio Bacajá. Ambos os garimpos situam-se no contexto litológico da Suíte Intrusiva Arapari, de idade paleoproterozóica (2.070-2.086 Ma), constituída por amplo predomínio de “charnockitóides” graníticos a granodioríticos e raros enderbitos. Os tipos variam desde porfiríticos a megaporfiríticos, isotrópicos a foliados. No Garimpinho de Maracajá predominam rochas reequilibradas ou isentas de piroxênio, tais como mesopertita granitos. Por sua vez, no Garimpo do Tião ocorrem antipertita tonalitos e mesopertita granodioritos. Estas rochas estão afetadas por cisalhamento transcorrente e/ou atividades hidrotermais. A unidade supracitada é parte integrante de um terreno de alto grau, com tectônica transcorrente dextral, *trend* predominantemente WNW-ESE e mergulhos subverticais. Segundo os moradores da região as atividades garimpeiras iniciaram-se na década de 80 (século XX) e tiveram seu auge no período de 1993 a 1998, quando em cada local, trabalharam mais de 100 homens. Atualmente o Garimpinho de Maracajá está abandonado, embora haja períodos de atividades; o Garimpo do Tião encontra-se em atividade restrita. Tratam-se de garimpos aluvionares em que o ouro está disseminado em todo o perfil e com maior concentração no nível de cascalho. Estima-se que de 5 a 10km ao longo dos cursos d'água foram trabalhados em cada garimpo. A garimpagem é feita de maneira tradicional com o desmonte por “bico jato”, seguido pela “chupadeira” e da máquina de “despescagem”. Baseado na abundante presença de fragmentos de quartzo, nas pepitas de ouro exibindo formas irregulares e pontiagudas sugerindo pouco transporte, no contexto regional das mineralizações auríferas e nas informações dos garimpeiros, admite-se o ouro aluvionar seja oriundo do intemperismo de veios de quartzo auríferos. Estes seriam resultantes das atividades hidrotermais associadas às zonas de cisalhamento. No atual estágio da pesquisa aceita-se a hipótese de que o ouro estaria originalmente armazenado em resquícios de rochas supracrustais de alto grau no domínio dos charnockitos. Outra possibilidade admite a origem do ouro associado aos abundantes xenólitos máficos hospedados naquelas intrusivas. Esta pesquisa apresenta novas perspectivas estratégico-metalogenética para a região de Maracajá e consequentemente extensivas a todo o Domínio Bacajá, visto que, vislumbra o inédito domínio dos charnockitos, anteriormente considerados estéreis, pois as pesquisas restringiam-se às supracrustais de baixo grau.